

Da perplexidade à inteligência estratégica

Maurício Antônio Lopes¹

Este é um tempo de desafios complexos, em que abundam a perplexidade, a dissensão e o ímpeto à autoflagelação, este último por demais comum no Brasil. A interminável seca no Nordeste, as nossas limitações de infraestrutura e logística, os mercados cada vez mais voláteis e imprevisíveis e as rupturas tecnológicas – vindo em prazos cada vez mais curtos – são apenas algumas das preocupações que caracterizam nosso tempo.

Olhando para além do Brasil, não faltam desafios de grandeza maior em âmbito global. No campo político, cresce o debate sobre o enfraquecimento da globalização e sobre a volta do nacionalismo, com países buscando formas de fechar fronteiras para conter a expansão da violência e do terrorismo e também para proteger os empregos dos seus cidadãos. O multilateralismo perdeu força nas últimas décadas e praticamente todos os sistemas globais de liderança, coordenação e alinhamento de esforços andam combalidos ou em decadência.

O crescimento da população mundial e o processo muito rápido de urbanização suscitam grande preocupação. As cidades tem incorporado, em âmbito global, a média de 65 milhões de pessoas anualmente durante as últimas três décadas. Isso equivale ao acréscimo de quase seis cidades de São Paulo a cada ano. Segundo a ONU, em 2010 a população urbana do mundo pela primeira vez ultrapassou a rural. Até 2030, espera-se que cerca de 60% da população mundial esteja vivendo em áreas urbanas. Até lá, a

população urbana do Brasil terá chegado a 90% do total.

Apesar das controvérsias que o tema gera, abundam evidências de que chegamos ao limite do modelo de desenvolvimento dependente de recursos não renováveis, como o petróleo, que ao longo de décadas elevou os níveis de poluição e gases de efeito estufa a patamares perigosos. Mudanças de clima e os anseios da sociedade por um futuro sustentável forçam a busca de um novo paradigma energético e de novas possibilidades de produção, com práticas mais limpas e substituição de matérias-primas de origem fóssil por recursos de base biológica, recicláveis e renováveis.

Mudança de clima combinada com o trânsito intenso de pessoas ao redor do globo contribuem também para a disseminação de doenças de grande risco. Em 2016, a OMS declarou o vírus da Zika uma emergência de saúde pública internacional. O vírus se espalhou de forma muito rápida em toda a América do Sul e Central e foi detectado em mais de 20 países. Ainda não há vacina ou cura para o Zika, o que exige de governos e autoridades sanitárias enorme esforço para gerir a adversidade enquanto se busca mais conhecimento sobre o vírus e seu controle.

Outra fonte de perplexidade neste nosso tempo é a má nutrição, em todas as suas formas. Subnutrição, deficiências de micronutrientes, excesso de peso e obesidade têm crescido em todo o mundo. A FAO estima que 26% das crianças sejam raquíticas, 2 bilhões de pessoas sofram de

¹ Presidente da Embrapa.

uma ou mais deficiências de micronutrientes e 1,4 bilhão de pessoas tenham excesso de peso, dos quais 500 milhões sejam obesos. O custo estimado do impacto da má nutrição alcança 5% do PIB global, equivalente a 3,5 trilhões de dólares por ano, ou US\$ 500/pessoa/ano.

Apesar da abundância de desafios complexos que tendem a nos empurrar para o pessimismo, é sempre importante lembrar também do enorme progresso que a humanidade alcançou nos últimos séculos. Em 1800, nenhum país tinha expectativa de vida superior a 40 anos. De 1950 a 2012, houve enorme aproximação entre nações ricas e pobres em termos de expectativa de vida, reflexo de significativa redução da desigualdade na oferta global de saúde. Em 2012, já não havia um único país com expectativa de vida menor que 45 anos nem país das Américas com expectativa inferior a 63 anos.

Milhões estão vivos graças ao controle do tétano e da poliomielite e à erradicação da varíola. A mortalidade no primeiro ano de vida se reduziu em todo o mundo. Guerras, doenças e pobreza estão em franco declínio. Poucos sabem que em 1950 70% das pessoas viviam em condições de extrema pobreza, com menos de dois dólares por dia. Agora, uma em cada dez pessoas vive nessa condição. Apesar de ainda persistente, a desnutrição está decrescendo, e a produção de alimentos alcançou sucessivos avanços nos últimos 50 anos.

O Brasil, até a década de 1970, estava longe de alcançar sua segurança alimentar. Exportávamos café e açúcar, mas gastávamos nossa poupança na importação de carnes, milho, trigo e até arroz e feijão. Então com 100 milhões de habitantes em 1973, quando veio a crise do petróleo, temíamos pelo pior, pois não conseguíamos abastecer o País, e boa parte da renda das famílias era dedicada à compra de alimentos. De lá para cá, mais do que dobramos a população, mas superamos todas as previsões de caos, alcançando a segurança alimentar e projetando o Brasil como grande exportador

de alimentos. Atualmente, a safra brasileira de grãos é suficiente para alimentar quatro vezes nossa população. O conjunto da nossa produção de alimentos de origem animal e vegetal contribui para alimentar mais de um bilhão de pessoas no planeta.

Analisando grandes volumes de dados, captados em períodos mais longos, vários estudos demonstram os efeitos da combinação virtuosa de mais democracia, mais educação e mais desenvolvimento econômico e social.

E demonstram que seus impactos no desenvolvimento científico e tecnológico e no avanço das políticas públicas para a melhoria da sociedade são nada menos que extraordinários.

Ainda assim, é surpreendente como as catástrofes e o negativismo exercem mais atração sobre a sociedade moderna do que os enormes avanços alcançados ao longo dos séculos.

Embora seja verdadeiro que enorme quantidade de relatórios, estudos acadêmicos e bases de dados estejam aí a comprovar progressos e avanços, sua fragmentação e desconexão quase sempre nos força a análises pontuais, conjunturais e de curto prazo. E, por isso, os perigos e as incertezas do nosso tempo chamam mais atenção e nos movem a lançar um olhar tendenciosamente crítico para o futuro – e, então, infelizmente, as catástrofes e o negativismo acabam por exercer mais atração e impacto sobre as pessoas.

Em seu artigo recente *Escapando do Culto ao Pessimismo*, o futurista americano Frank Spencer afirma serem muitos os que acreditam que a ênfase no negativo os coloca em uma posição de superioridade intelectual. Ele sugere que se dê uma olhada nas numerosas reportagens e análises hoje disseminadas pelas mais variadas mídias para verificar como o culto ao pessimismo é implacável no “bater os tambores do apocalipse”. Segundo ele, nós “estamos nos afogando em um mar de cenários pessimistas”, como catástrofes climáticas, extinção em massa, robôs assassinos, terrorismo digital e muito mais.

‘Estamos nos afogando em um mar de cenários pessimistas.’

É comum verificar que aqueles que buscam emergir do pessimismo, ao destacar os inúmeros exemplos de progressos e avanços que alcançamos em todos os campos da atividade humana, correm o risco de serem ridicularizados e caracterizados como ingênuos e simplistas. Por isso, é preciso buscar formas inteligentes de superar essa realidade, olhando para o futuro com mais esperança e otimismo, apesar dos complexos desafios à frente. Aqueles que se dispuserem a fazê-lo hoje talvez sejam considerados excessivamente otimistas, mas certamente serão reconhecidos como realistas no futuro.

Focando o tema que mais nos interessa, podemos perguntar: que lições podem ser extraídas desta complexa realidade para o progresso da nossa agricultura? Por causa da crise que o Brasil vive, o grande risco é que a abundância de limitações conjunturais e preocupações do presente nos joguem na perplexidade, tolhendo a criatividade e a ousadia que precisaremos para a construção de uma trajetória de longo prazo para o mundo rural brasileiro. Infelizmente não é incomum, nas muitas discussões sobre a agricultura brasileira, predominar a atenção ao passado e ao presente, com pouca prioridade para discussões de trajetórias virtuosas a se construir em direção ao futuro.

Como responderemos às mudanças demográficas que reduzem de forma drástica a mão de obra no campo? Como remover imperfeições de mercado que penalizam e limitam o progresso dos nossos pequenos produtores? Como responder às rupturas tecnológicas que ameaçam a nossa competitividade? De que sistemas de inteligência e macrologística necessita o Brasil para melhor orientar a expansão sustentável de sua agricultura?

Atenção prioritária ao passado e ao presente não nos ajudará a responder de forma correta

a essas e outras tantas perguntas importantes. Precisaremos ampliar nossa capacidade de modelar futuros possíveis, planejar e implementar trajetórias de desenvolvimento que tornem realidade aqueles futuros que mais nos interessem. Infelizmente, o Brasil é um país muito rarefeito de sistemas de inteligência estratégica e pouco afeito a modelagens de futuro. Resultado da nossa baixíssima densidade de *think tanks* e de ambientes acadêmicos dedicados a estudos de cenários e futuros possíveis. Daí a inconstância de propósitos que contribui para atrasar nosso ingresso no mundo desenvolvido.

Foi para superar essas limitações que a Embrapa instituiu, em 2013, o sistema Agropensa, uma plataforma de inteligência estratégica que auxilia a produzir conhecimentos e orientações sobre o futuro. Um sistema que opera em rede e busca, em essência, antecipar tendências e garantir o ajuste permanente das prioridades em pesquisa e inovação, sempre na busca do fortalecimento de nossa agricultura. Por meio da plataforma Agropensa, a Embrapa e seus parceiros buscam ampliar a compreensão da dualidade problemas/oportunidades, ajudando produtores e governantes a intensificar os investimentos em sofisticação da produção, em logística de transporte e de armazenagem e em defesa agropecuária, por exemplo.

A defesa das forças produtivas locais como forma de promoção de um progresso mais justo, inclusivo e independente é muito coerente com este nosso tempo. Se desenvolvermos a capacidade de melhor compreender nossas potencialidades e limitações, além da realidade complexa e multifacetada que se dobra à nossa frente, poderemos nos tornar mais habilitados a trilhar, de forma competente e soberana, na direção de um futuro que se anuncia complexo e desafiador.

Que lições podem ser extraídas desta complexa realidade para o progresso da nossa agricultura?